

# A Invisibilidade como Estratégia Espacial das Populações de Rua na Cidade do Rio de Janeiro

## Invisibility as a Spatial Strategy of the Homeless in the City of Rio de Janeiro

Igor Martins Medeiros Robaina<sup>i</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** O presente trabalho procura compreender como as populações de rua enfrentam as adversidades cotidianas por meio da produção de lógicas espaciais específicas. Assim, optamos mais especificamente por analisar a invisibilidade como uma estratégia espacial de sobrevivência destes indivíduos quando presentes nos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro. A partir da identificação dessa estratégia propomos um diálogo com um conjunto de fatores ligados a um cenário que envolve elementos como ordem pública, violência, privacidade, luz e sombra, mimetismo e segurança, enfatizando a produção, por parte das populações de rua localizadas na cidade do Rio de Janeiro, de modos de ver e viver a cidade como um possível e importante objeto de análise geográfica.

**Palavras-chaves:** populações de rua, invisibilidade, estratégias espaciais, espaços públicos

**Abstract:** The aim of the present work is to understand the spatial strategies of the homeless inhabitants of Rio de Janeiro's public spaces in their struggle with the adversities of everyday life on the street. Invisibility is one of the strategies, which is related to a series of elements that are directly linked to urban public scenarios, such as public order, violence, privacy, light and shadow, mimicry and security. The production of ways of seeing and living in the city emerges as an important object of geographical inquiry.

**Palavras-chaves:** homeless, invisibility, spatial strategies, public spaces

*Eu me transformei num camaleão  
Pra você me ver e pensar que não  
Pra me confundir com a própria confusão  
(Paulinho Moska)*

### Introdução

As cidades são espaços complexos. De fato, as múltiplas formas e os diferentes grupos que coexistem no espaço urbano dão vida às cidades, produzindo imagens e

---

<sup>i</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia, igorobaina@gmail.com

ações variadas que resultam em interações muito dinâmicas. Este conjunto complexo de interação e coexistência cria um verdadeiro mosaico de quadros espaciais. Estas produções, resultantes dos contatos, das práticas e das inter-relações em cada rua, esquina, praça ou outros logradouros demarcam limites e formam territórios específicos nos espaços públicos. Assim, ao lado da fascinante multiplicidade, da beleza e heterogeneidade das formas, desenhos, movimentos, cores e vidas, há também graves problemas sócio-espaciais que marginalizam determinados grupos ao mesmo tempo em que criam novas dinâmicas do ver, do habitar e do viver as cidades. Esse é o caso das populações de rua.

A presença dessas populações se materializa nas paisagens das grandes cidades de variadas formas. A imagem de degradação e miséria associada a este grupo está registrada historicamente em diferentes veículos – por exemplo, em inúmeras obras cinematográficas, literárias, em pinturas<sup>1</sup> e principalmente no imaginário dos cidadãos.

A presente proposta busca lançar algumas considerações sobre a presença das populações de rua nos espaços urbanos das grandes cidades e suas representações associadas à construção de um sentido de ordem-desordem pública. Pretendemos através da noção de invisibilidade analisar uma estratégia espacial de sobrevivência que estes indivíduos adotam frente a um conjunto de adversidades sofridas nos espaços públicos na cidade do Rio de Janeiro.

## As Populações de Rua: Imagens e Adversidades Cotidianas

As populações de rua como uma presença específica nos espaços públicos e parte constituinte na paisagem das grandes metrópoles<sup>2</sup> são muitas vezes descritas a partir do julgamento de valor que as classifica como uma “mazela social”, mas bem podem ser compreendidas como populações que possuem um diferente estatuto, uma outra condição, a de *outsiders* (BECKER, 2008). Esta importante noção de análise social pode ser entendida como resultado de uma ruptura ou transgressão em algum nível, por parte de um sujeito ou grupo social, frente as regras estabelecidas em uma determinada ordem sócio-espacial em relação a específicos comportamentos.

“Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um *outsider*” (BECKER, 2008:15).

Desta forma, as populações de rua caracterizadas como *outsiders* possuem alguns elementos específicos considerados como impróprios, ou seja, elas exprimem a contrariedade daquilo que se espera dos comportamentos sociais e dos modos de vida de um cidadão “padrão” nas grandes cidades. Um importante elemento na construção de uma noção de desvio das populações de rua se constitui em torno da imagem de inexistência da casa como um espaço físico e simbólico na vida dessas pessoas. A casa como sinônimo do habitar passou a ser associada a uma série de adjetivações positivas em comparação aos espaços externos. Neste sentido, ela passa a ter sua imagem associada a alguns sentimentos como *confiança, intimidade, privacidade, proteção, refúgio, repouso, sossego e tranquilidade*.

“Nossa casa, compreendida em seu poder onírico, é um ninho no mundo. Viveremos dentro dela com uma confiança inata, tão verdadeiramente participamos em nossos sonhos, na segurança de nossa morada” (BACHELARD, 1998: 176).

Contudo, o que significa não ter casa em uma sociedade na qual é regra possuir uma? De fato, a ausência, falta ou negação deste espaço habitacional, como é o caso das populações de rua, remete aos próprios sujeitos desta ausência todos os aspectos antonímicos desta *não-casa*, ou seja, define-se uma fronteira, por exemplo, entre as dualidades da proteção e o abandono, a segurança e o risco, o sossego e a perturbação.

Esta configuração se manifesta de tal modo que “a falta da casa é uma perda dramática de poder sobre a maneira como a identidade é construída, pois, para o sem-teto, não há mais casa para protegê-lo do olhar público” (SMITH, 200: 148) e a falta deste objeto espacial como elemento normativo e constituinte do sujeito cidadão redefine inclusive toda a dimensão de sociabilidade no espaço urbano.

Outro importante ponto na configuração do desvio das populações de rua se manifesta a partir da dimensão estética do seu corpo e de sua exposição sobre um espaço no qual isso se transforma em objeto da observação, os espaços públicos. É muito comum observar moradores de rua com as roupas sujas e rasgadas, sem dentes, barbudos, com unhas grandes e negras e com um forte odor que desagrade os transeuntes, fugindo assim, dos padrões esperados de um cidadão.

Esta condição e características são muitas vezes agravadas pela própria rotina dessas populações, confrontadas à inexistência de ou indisponibilidade de alguns equipamentos e bens. A precariedade ou inexistência de banheiros públicos, associados à falta de recursos para obtenção de bens materiais como roupas e produtos de higiene, acabam de alguma maneira intensificando e degradando ainda mais a imagem e a vida dessas pessoas nos espaços públicos.

Assim, acaba ocorrendo um efeito direto sobre as próprias populações de rua uma vez que elas estão situadas em espaços públicos de grande visibilidade e, sobretudo, tendo em vista que estes espaços se configuram como um território da ordem, na medida em que o poder estabelecido através das relações entre os diferentes grupos imprime uma lógica particular ao espaço, criando um universo próprio, delimitado através de negociações, conflitos e limites mais ou menos claros do uso, acesso e permanência espacial para fins específicos.

Sobre esta questão, elucida Delgado Ruiz:

“Nos espaços públicos, a territorialização resulta principalmente pelas negociações que as pessoas estabelecem a propósito de qual seria o seu território e quais os limites deste território. Este espaço pessoal ou informal acompanha todo indivíduo aonde ele vá, se expandindo ou contraindo em função dos tipos de encontro e em função de um equilíbrio entre aproximação e evitação” (Delgado Ruiz, 2002: 2)<sup>3</sup>.

As populações de rua, em meio a este complexo jogo de relações e poderes, necessitam de se apropriar dos espaços públicos como lugar de moradia, alimentação e trabalho, tendo em vista, a perda de vínculos familiares e proteções anteriores, e a ineficácia das

políticas sociais para a resolução do problema. Todavia, suas presenças estão extremamente associadas, por conta do desvio, a uma imagem de miséria, criminalidade e ingovernabilidade dos próprios poderes públicos, passando inclusive a ser alvo direto de políticas de ordem urbana, na tentativa de produzir, mesmo que de maneira aparente, imagens de equilíbrio e estabilidade dos espaços públicos.

## **A Invisibilidade como Estratégia Espacial de Sobrevivência**

As populações de rua reconhecem as imagens que são produzidas sobre eles, assim como os riscos e suas condições na assimetria das relações de força e poder nos espaços públicos das grandes cidades. Deste modo, estes sujeitos acabam produzindo estratégias espaciais de sobrevivência diante das possibilidades e principalmente frente aos elementos hostis que se apresentam cotidianamente. Estas ações ganham uma “importância cada vez maior e explícita das imagens nas estratégias espaciais dos atores sociais” (THOMAS, 1994:218) e, no caso específico das populações de ruas, esta estratégia está associada a uma imagem e ação de defesa e adaptação.

De fato, esta relação dual entre visibilidade e invisibilidade, fixação e mobilidade espacial se constrói a partir da utilização dos próprios elementos que compõem a paisagem dos espaços públicos. Emerge aqui a noção de mimetismo<sup>4</sup> social, entendido como uma das estratégias espaciais de sobrevivência dessas populações de rua.

Este recurso estratégico utilizado pelas populações de rua se configura como um elemento de subterfúgio, tendo em vista a incapacidade de defesa e proteção do próprio corpo em determinada configuração político-espacial, ao mesmo tempo em que reconhecem a impossibilidade de estar expostos, pois sua visibilidade aumentaria ainda mais os riscos da permanência sobre os espaços públicos.

Esta condição de (in)visibilidade se apresenta como um verdadeiro jogo daquele que busca produzir uma imagem específica de não-revelação da sua própria presença, mas, ao mesmo tempo, defendendo a sua permanência no espaço. Assim, passar despercebido ou indistinguível na paisagem, como parte integrante das cores e formas do espaço, é o objetivo final destes sujeitos.

Sobre este complexo jogo de relações e produção de imagens a partir do mimetismo elucida Marulanda:

“Os falsos códigos emitidos devem ser entendidos desde a esfera das imagens como simulacros que são percebidos como verossímil pelo receptor, em uma relação bilateral, onde se produz entre o indivíduo-entorno, ou entre o predador-vítima relações que estabelecem princípios de comunicação (emissão-sinal-recepção) e retoma signos expressados ou são significados em um significante falso, isto ocorre quando o sinal emitido pretende enganar com falsas recordações o próprio receptor” (MARULANDA, 2005: 49)<sup>5</sup>.

Desta maneira, as populações de rua buscam impedir a visibilidade espacial a partir de movimentos, comportamentos e ações que disfarcem e camuflem as suas presenças e suas existências aos olhos da normatização (Figura 1), minimizando assim os riscos de conflito em sua vida cotidiana.



Figura 1 – Morador de rua dormindo envolvido com papelão na Rua Sete de Setembro

Um destes riscos associados à visibilidade das populações de rua se caracteriza pelas freqüentes operações realizadas por diversas prefeituras<sup>6</sup> na retirada de seus corpos e pertences dos lugares de grande circulação. Essas ações de remoção possuem forte carga de representação simbólica, estética e de poder. (BACHILLER, 2009; ESCOREL, 1999; FRANGELLA, 2010 e MITCHELL, 2003). Comumente, elas ocorrem inclusive com a presença de força policial e de maneira compulsória na tentativa de garantir a aparente imagem de ordem nos espaços públicos, conforme relata o trecho da reportagem a seguir:

“A Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS) realizou na noite da última quinta-feira (16) uma operação para a retirada de moradores de rua em bairros da zona sul do Rio de Janeiro. (...) Do dia 31 de março de 2011 até hoje, a Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS) realizou 14 operações em diferentes pontos da cidade e já retirou das ruas 953 pessoas: 762 adultos e 191 crianças e adolescentes. Esta foi a 5ª ação após a adoção do novo modelo de Abordagem Social, implantado pela SMAS em 30 de maio. Na noite de ontem participaram 30 policiais e 15 funcionários da secretaria” (SMAS – Secretaria Municipal de Assistência Social do Rio de Janeiro – 17-06-2011).

Todavia, estas ações de recolhimentos não têm como objetivo garantir a estes indivíduos uma habitação formal e o ingresso no mercado de trabalho, como condições mínimas de recomeço, conforme um padrão exigido socialmente. Ao contrário, como procedimento de rotina, essas pessoas são levadas para as delegacias policiais com o intuito único de averiguar possíveis antecedentes criminais, revelando claramente o estigma do desvio. Posteriormente, elas são dirigidas para os espaços de “acolhimento” que permitem somente a sua permanência por curto período de tempo e, em alguns casos, somente um dia. Acabam tendo de retornar obrigatoriamente para a vida das ruas e renovando as mesmas práticas de sobrevivência sobre o espaço urbano.

Ainda sobre as ações de retiradas e o complexo jogo na busca pela invisibilidade, uma das grandes queixas das populações de rua diz respeito à tomada de seus pertences. Sacolas com objetos pessoais, mesmo que precários, como panelas velhas, peças de roupas, cobertores e até mesmo os “carrinhos” empregados como instrumentos que realizam algum tipo de trabalho não são devolvidos na maioria das vezes nestas operações.

Além disto, as populações alegam também que a maior parte dos abrigos para onde são deslocados encontram-se muito afastados de seus espaços de origem e, quando não podem mais permanecer no local por conta das normas do estabelecimento de

acolhimento, é extremamente difícil retornar aos antigos lugares, por não possuírem o dinheiro para pegarem um transporte público.

Temos, então, o seguinte quadro: ao mesmo tempo em que os espaços públicos, principalmente os de grande visibilidade como praças, passeios públicos e grandes vias de circulação<sup>7</sup> são de extrema importância na garantia e prática de mendicância e na obtenção de doações e solidariedades, eles também representam espaços de risco para esta população de rua. Este perigo se intensifica principalmente nos períodos noturnos, por conta da menor circulação dos transeuntes e do próprio policiamento, o que os tornam mais suscetíveis a tais ações violentas. Muitos eventos demonstram como eles são afetados diretamente por estas ações. Espancamentos, queimaduras e mortes são frequentes no cotidiano destas populações<sup>8</sup>.

Uma das formas de mimetismo destes indivíduos nos espaços públicos se constrói curiosamente a partir das dimensões morfológicas do espaço. A precariedade de promoverem a higienização acaba encardindo os seus corpos e suas roupas, como dito anteriormente, com a própria sujeira e poeira das ruas. Passam a ter uma cor cinzenta como traço característico, semelhante ao do próprio espaço urbano.

A rua por si é suja, a limpeza pública limita-se a varrer os locais e retirar os sacos de lixo. Raramente as ruas são lavadas e a presença de ratos e baratas é constante. Assim, por mais que os moradores de rua se esforcem em manter o asseio pessoal, dificilmente conseguem ficar limpos (SCOREL, 1999 :228).

Assim, seus corpos tonalizados com os resíduos do próprio urbano se confundem em alguma medida com as paredes, calçadas e o asfalto das ruas e praças; cria-se, portanto, um processo de ocultação de seus próprios corpos.

Outro viés do mimetismo dessas populações de rua se constitui através do aspecto de sujeira e do lixo existentes nos espaços públicos. Sabemos que algumas grandes cidades possuem como um grave problema, a questão da limpeza urbana. Estas paisagens com lixos acumulados nas calçadas, esquinas e cantos passam ser imagens comuns e associadas diretamente a alguns pontos das grandes cidades e no Rio de Janeiro não é diferente.

Em meio a esta configuração, as populações de rua acabam, por vezes, sendo confundidas com o lixo jogado de maneira incorreta, ou mesmo com os pontos de coletas, que ocorrem muitas vezes de maneira desorganizada, sendo deixados diariamente nas calçadas para o serviço de recolhimento de limpeza urbana.

Esta invisibilidade na paisagem ocorre principalmente por conta do amontoamento de seus pertences nos períodos noturnos, como sacolas, caixas de papelão, metais, jornais, entre outros materiais recicláveis, que se apresentam como uma das principais fontes de renda e que não podem ser guardados por falta de um lugar específico para tal. Tendo em vista que seriam roubados por outros moradores de rua ou realmente jogados fora pelo serviço de limpeza urbana.

Sobre esta questão Frangella comenta:

A proximidade de papelões, sacos e lonas de plástico e jornais com o corpo do morador de rua gera um efeito mimético, com a cor, a profusão de embrulhos

e materiais misturados desses materiais no espaço urbano. Muitas vezes, o corpo desaparece, torna-se indistinto (FRANGELLA, 1999: 160).

A relação específica entre luz e sombra merece destaque neste cenário. Muitos moradores de rua se utilizam de toda a representação de medo, ilegalidade e imprevisibilidade da sombra para obterem segurança e privacidade. Esta estratégia de segurança nas sombras, como uma imagem de insegurança, é surpreendente, tendo em vista que o medo que essas pessoas desenvolvem faz com que busquem espacialmente o lugar que os outros cidadãos comuns evitariam, sobretudo no período da noite. Todavia, as populações de rua não são os únicos que se utilizam das sombras; outros grupos ou tipos também agem da mesma estratégia, mas com outras finalidades, como alguns assaltantes e criminosos que se utilizam das sombras como um elemento surpresa para conseguir atacar as suas vítimas ou realizarem seus negócios sem serem percebidos publicamente pela maioria dos transeuntes ou pela polícia.

Assim, ao mesmo tempo em que determinados criminosos se utilizam destes espaços de sombra para cometer ações transgressoras e delituosas, as populações de rua não costuma ser percebidas por eles como um alvo específico de suas ações, nem mesmo como uma presença incômoda ou conflitante. Podem assim se justapor em um mesmo espaço, territórios diferentes.

Cabe ressaltar que segundo alguns estudiosos da psicologia social, estas ações de mimetismo social e de invisibilidade estão principalmente vinculadas às dificuldades enfrentadas espacialmente por determinados sujeitos. Assim, esta busca por reproduzir comportamentos e imagens fiéis às formas, aos gestos, aos comportamentos ou às aparências aqui referidas se configura como uma ação em busca de uma maior estabilidade social (JESSICA, 2003: 150).

Por fim, cabe pensar que a estratégia de invisibilidade através do mimetismo se apresenta como uma dentre as várias existentes na vida das populações de rua e todos os enfrentamentos sofridos cotidianamente nos espaços públicos das grandes metrópoles.

## **Considerações Finais**

Sujeitos marginalizados nas cidades, desprotegidos pelas ações sociais do Estado, ao mesmo tempo em que são o alvo de políticas de ordem e controle social nos espaços públicos, as populações de rua acabam sofrendo ainda mais dificuldades para a simples garantia de sua sobrevivência. Os riscos de agressão e morte estão presentes a todo o momento, se intensificando principalmente nos períodos noturnos e sendo parte do duro cotidiano vivido por estes grupos na cidade do Rio de Janeiro.

Como uma forma de não se envolverem permanentemente em conflitos e para evitar todos os riscos neles presentes buscam a despeito das suas fragilidades e vulnerabilidades, uma fuga do controle, da perseguição e da normatização de suas imagens no cenário de uma paisagem “ideal” dos espaços públicos, desenhada pelos poderes municipais.

Deste modo, a invisibilidade se apresenta como uma importante estratégia de sobrevivência das populações de rua na cidade do Rio de Janeiro, mas acreditamos também que em inúmeras outras grandes cidades. Este mecanismo é utilizado para enfrentar os

perigos existentes e demonstra claramente a impossibilidade que tem essa população de abandonar os lugares centrais onde se estabelecem, assim como o desejo de permanência no mesmo, devido à importância desses lugares em suas vidas. De fato, estas ações de enorme carga espacial e imagética têm alguma eficiência uma vez que continuam a ser reproduzidas nos espaços públicos das cidades.

Deste modo, refletir sobre as estratégias de invisibilidade das populações de rua nas grandes metrópoles é compreender uma pequena parcela da problemática em questão, reconhecendo ao mesmo tempo que a luta pela sobrevivência, dignidade e o direito de continuar vivo é certamente inalienável e intocável. Este quadro extremamente complexo de lutas, interesses e poderes, a partir de algumas medidas das políticas públicas nos espaços públicos colocam em xeque a imagem de uma sociedade aparentemente democrática e cidadã.

### **Referências bibliográficas**

BACHELARD, Gaston. O novo espírito científico; A poética do espaço. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BACHILLER, Santiago. Significados del espacio público y exclusión de las personas sin hogar como un proceso de movilidad forzada. Reis (Revista Española de Investigaciones Sociológicas), N.128, pp.125-137 (Octubre-Diciembre) 2009.

BHABHA, Homi. Of Mimicry and Man: The Ambivalence of Colonial Discourse. October, Vol. 28, Discipleship: A Special Issue on Psychoanalysis, pp.125-132, 1984.

CASTEL, Robert. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis, RJ: Vozes.1998.

CASTRO, Iná Elias e TEIXEIRA, Ataíde. Imagens públicas da desordem no Rio de Janeiro: Uma nova ordem ou o "ridículo de pascal"? In: Cidades: revista científica. Vol 5, nº7, 2008.

DELGADO RUIZ, Manuel. Etnografía del espacio público. Revista Experimental de Antropología, nº2, Universidad de Jaen, 2002.

ESCOREL, Sarah. Vivendo de teimosos: moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro. In: BURSZTYN, Marcel. No meio da rua: nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

\_\_\_\_\_. Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

FELIPPE, Maíra. Casa: uma poética da terceira pele. Psicologia & Sociedade; 22 (2) p.299-308, 2010.

FRANGELLA, Simone. Corpos urbanos errantes: Uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2010.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas Sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GOMES, Paulo Cesar. A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. "Versalhes não tem banheiros!" as vocações da geografia cultural espaço e cultura, *uerj*, *rj*, n.º 19-20, p.41-49, jan./dez. De 2005

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 1983.

JESSICA, Lakin *et al.* The chameleon effect as social glue: evidence for the evolutionary significance of nonconscious mimicry. *Journal of Nonverbal Behavior* 27(3), 2003.

JORDAN, Thomas. La Psicología de La Territorialidad en los Conflictos. *Psicología Política*, Valencia, N° 13, 29-62, 1996.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Edições 70: Lisboa, 1986.

MARULANDA, Walter. Camuflaje: la imagen que seduce. *Revista KEPES*, año 2 No. 1, pp.47-55, 2005.

MITCHELL, Don. The right to the city: social justice and the fight for public space. Nova Iorque: The Guilford Press, 2003.

RODRIGUES, José Carlos. Tabu do corpo. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SACK, Robert. Human territoriality: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SENNETT, Richard. O declínio do homem público. São Paulo, SP: Cia das Letras, 1988.

SERPA, Angelo. Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. *Geosp – Espaço e Tempo*, São Paulo n° 15, 2004.

SMITH, Neil. Contornos de uma política espacializada: Veículos dos sem-tetos e produção de escala geográfica. In: ARANTES, Antônio (Org.) *O espaço da diferença*. Campinas, Sp: Papirus, 2000.

SNOW, David; ANDERSON, Leon. Desafortunados: um estudo sobre o povo da rua. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 1998.

TOMAS, François. La ciudad y las estrategias socioespaciales. *Revista Mexicana de Sociología*, Vol. 56, No. 4. 1994.

<sup>1</sup> No cinema destacamos o filme *Com Honra* (With Honours – 1994) que narra a história de um estudante universitário que perde a cópia de sua tese e esta é encontrada por um morador de rua. No cenário brasileiro, se destaca o filme *Topografia de um desnudo* (2010) no qual narra a investigação de inúmeras mortes de populações de rua na cidade do Rio de Janeiro na década de 1960. Na literatura, obras como *O príncipe e o mendigo* (1881) de Mark Twain; *Os miseráveis* (1862) de Victor Hugo e a obra brasileira *A alma encantadora das ruas* (1908) de João do Rio são alguns exemplos que tocam nesta problemática no espaço urbano. Na pintura destacamos as importantes obras do pintor francês Bartolomé Esteban Murillo e sua obra: *O mendigo* (1650) e do pintor holandês Pieter Brueghel e *Os mendigos* (1568).

<sup>2</sup> Em grandes metrópoles mundiais, a presença das populações de rua se faz extremamente presente no cotidiano das grandes metrópoles. Segundo a *Coalition For the Homeless*, em recente pesquisa realizada em julho de 2010, na cidade de Nova York existem 39.256 pessoas em situação de rua. A cidade de Londres, de acordo com a pesquisa empreendida pela *Communities and Local Government, Homelessness Statistics*, apresentava em 2007 a presença de 13.650 moradores sem residência fixa. No *Censo de Populações de Rua na cidade São Paulo*, estudo elaborado pela *Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas* - FIPE no ano de 2003, constatou-se a existência de 10.399 em condição de desabrigo na cidade de São Paulo. Na região metropolitana de Sidney, uma pesquisa desenvolvida pela *Law and Justice Foundation* comprovou a existência de 15.456 moradores de rua. Segundo KAKITA (2004), observa-se a sobrevivência nas cidades japonesas de Tóquio e Osaka, respectivamente, de 6361 e 7775 pessoas. Contudo, em relação às populações de rua na cidade do Rio de Janeiro, poucas são as pesquisas existentes e muitas são as desconfianças entre os pesquisadores do tema em relação aos números, principalmente em relação à disparidade dos dados. Em 1991, a *Fundação Leão XIII* iniciou uma análise do perfil das populações de rua na cidade do Rio de Janeiro, registrando 1016 pessoas. Em 2006, segundo pesquisa do *Instituto Pereira Passos*, existiam 1662 moradores de rua e em 2008, a *Secretaria Municipal de Assistência Social*, através do Levantamento da População em situação de Rua registrou 1906 pessoas nesta condição.

<sup>3</sup> Tradução livre do autor a partir do original em espanhol: “El los espacios públicos, la territorialización viene dada sobre todo por las negociaciones que las personas establecen a propósito de cuál es su territorio y cuáles los límites de esse território. Esse espacio personal o informal acompaña a todo individuo allá donde va y se expande o contrae em función de los tipos de encuentro y em función de um buscado equilibrio entre aproximación y evitación”.

<sup>4</sup> Mimetismo se configura como um conceito nas ciências naturais e mais especificamente na ecologia, nas quais determinadas espécies se utilizam estrategicamente dos próprios ambientes para poder confundir sensorialmente sua presa ou predador e garantir a sobrevivência. Assim, a ação mimética pode interagir a partir da utilização das cores, formas, ou até mesmo das aparências de outras espécies para obterem vantagens no ambiente.

<sup>5</sup> Tradução livre do autor a partir do original em espanhol: “Los falsos códigos emitidos deben entenderse desde la esfera de las imágenes como simulacros que se percibirán vero-símiles por el receptor, una relación bilateral se produce entre individuo-entorno, (...) relación que establece principios de comunicación (emisión-senal-recepción) y retoma signos expresados en ambas direcciones; pero en ocasiones tienen múltiples referencias o son significados en un referente falso, esto se da cuando la señal emitida pretende engañar com falsos recuerdos al receptor.”

<sup>6</sup> No caso específico da cidade do Rio de Janeiro, as populações de rua são retiradas dos espaços públicos pelas ações da SEOP – Secretaria Especial de Ordem Pública, no qual se inserem em uma política mais ampla intitulada de “Choque de Ordem”. Além das Populações de rua, trabalhadores informais e profissionais do sexo são outros grupos que sofrem com estas ações de maneira periódica.

<sup>7</sup> No caso da cidade do Rio de Janeiro e mais especificamente na área central, destacamos a *Praça da Cinelândia*, *O largo da Carioca*, *O largo da Candelária*, *O largo da Lapa*, *O Campo de Santana*, *A praça XV*, *A Avenida Presidente Vargas* e a *Avenida Rio Branco*.

<sup>8</sup> Em 1993 ocorreu um evento que marca historicamente a violência sobre as populações de rua na cidade do Rio de Janeiro, intitulada de “A chacina da Candelária”. Aproximadamente cinquenta moradores de rua, dentre crianças e adultos dormiam nas calçadas próximas à Igreja de Nossa Senhora da Candelária, quando na noite de vinte e três de julho, cinco homens armados atacaram a tiros e mataram oito pessoas.